

16. O CRIADOR

279-294



INTRODUÇÃO

O ser humano sempre foi perseguido por perguntas sobre o sentido da vida e do universo. Qual é a origem da vida? De onde veio o ser humano? Ele é fruto do acaso? Sua natureza consiste em um amálgama de bem e de mal? Isso explica a presença do mal no homem e no mundo? Ou o ser humano foi criado bom por um Deus bom? Se isso é verdade, como se explica o mal de que ele é vítima e do qual, muitas vezes, é a causa? Qual é o destino do homem e do mundo: a destruição pura e simples ou a plenitude que transcende o próprio mundo e a matéria? A vida é um simples acaso e, portanto, mera luta por sobrevivência? Ou ela é o fundamento, o primeiro passo e o início de uma realidade que está para além da matéria? Vivemos somente para sobreviver e para nos adaptar ou há um significado superior para todos os nossos esforços e canseiras? A ciência moderna responde a essas perguntas? Pode contribuir para respondê-las ou só atrapalha?

Como se pode notar por essas perguntas (e também por outras que você mesmo pode fazer), o lugar de destaque que a fé na criação ocupa consiste no fato de que ela é a resposta que os cristãos encontram para as questões fundamentais sobre o sentido de nossa vida e do mundo. À pergunta: “o nosso ser é fruto da vontade livre e amorosa de Deus bom ou é o resultado de um destino cego e do acaso?”, o fiel responde professando: “creio em Deus Pai, Criador”. Essa fé tem consequências concretas para a vida neste mundo.

As questões que o Catecismo coloca diante de nós não se situam no âmbito das ciências naturais, mesmo que estas possam e estejam de fato relacionadas com elas. O Catecismo, porém, não quer responder às mesmas perguntas que a ciência e a tecnologia procuram responder. Trata-se sobretudo das questões ligadas ao sentido do universo, do homem e de Deus como fundamento permanente deles.

TEXTO 279-294

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO I: CREIO EM DEUS PAI

Parágrafo 4: O Criador



279. «No princípio, Deus criou o céu e a terra» (Gn 1,1). É com estas palavras solenes que começa a Sagrada Escritura. E o Símbolo da fé as retoma, confessando a Deus, Pai todo-poderoso, como «Criador do céu e da terra», «de todas as coisas, visíveis e invisíveis». Vamos, portanto, falar primeiro do Criador, depois da sua criação, e, finalmente, da queda do pecado, de que Jesus, Filho de Deus, nos veio Libertar.

280. A criação é o *fundamento* de «todos os desígnios salvíficos de Deus», «o princípio da história da salvação», que culmina em Cristo. Por seu lado, o mistério de Cristo derrama sobre o mistério da criação a luz decisiva; revela o fim, em vista do qual «no princípio Deus criou o céu e a terra» (Gn 1,1): desde o princípio, Deus tinha em vista a glória da nova criação em Cristo.

281. É por isso que as leituras da Vigília Pascal, celebração da nova criação em Cristo, começam pela narrativa da criação. Do mesmo modo, na liturgia bizantina, a narrativa da criação constitui sempre a primeira leitura das vigílias das grandes festas do Senhor. Segundo o testemunho dos antigos, a instrução dos catecúmenos para o Batismo segue o mesmo caminho.



I. A catequese sobre a criação

282. A catequese sobre a criação reveste-se duma importância capital. Diz respeito aos próprios fundamentos da vida humana e cristã, porque torna explícita a resposta da fé cristã à questão elementar que os homens de todos os tempos têm vindo a pôr-se: «De onde vimos?» «Para onde vamos?» «Qual a nossa origem?» «Qual o nosso fim?» «Donde vem e para onde vai tudo quanto existe?» As duas questões, da origem e, do fim, são inseparáveis. E são decisivas para o sentido e para a orientação da nossa vida e do nosso proceder.

283. A questão das origens do mundo e do homem tem sido objeto de numerosas investigações científicas, que enriqueceram magnificamente os nossos conhecimentos sobre a idade e a dimensão do cosmos, a evolução dos seres vivos, o aparecimento do homem. Tais descobertas convidam-nos, cada vez mais, a admirar a grandeza do Criador e a dar-Lhe graças por todas as suas obras, e pela inteligência e saber que dá aos sábios e investigadores. Estes podem dizer com Salomão: «Foi Ele quem me deu a verdadeira ciência de todas as coisas, a fim de conhecer a constituição do Universo e a força dos elementos [...], porque a Sabedoria, que tudo criou, me ensinou» (Sb 7,17-21).

284. O grande interesse atribuído a estas pesquisas é fortemente estimulado por uma questão de outra ordem, que ultrapassa o domínio próprio das ciências naturais. Porque não se trata apenas de saber quando e como surgiu materialmente o cosmos, nem quando é que apareceu o homem; mas, sobretudo, de descobrir qual o sentido de tal origem: se foi determinada pelo acaso, por um destino cego ou uma fatalidade anônima, ou, antes, por um Ser transcendente, inteligente e bom, chamado Deus. E se o mundo provém da sabedoria e da bondade de Deus, qual a razão do mal? De onde vem ele? Quem é por ele responsável? E será que existe uma libertação do mesmo?

285. Desde os princípios que a fé cristã teve de defrontar-se com respostas, diferentes da sua, sobre a questão das origens. De fato, nas religiões e nas culturas antigas encontram-se muitos mitos relativos às origens. Certos filósofos disseram que tudo é Deus, que o mundo é Deus, ou que a evolução do mundo é a evolução de Deus (panteísmo): outros disseram que o mundo é uma emanção necessária de Deus, brotando de Deus como

duma fonte e a Ele voltando; outros, ainda, afirmaram a existência de dois princípios eternos, o bem e o mal, a luz e as trevas, em luta permanente (dualismo, maniqueísmo). Segundo algumas destas concepções, o mundo (pelo menos o mundo material) seria mau, produto duma decadência e, portanto, objeto de repúdio ou de superação (gnose); outras admitem que o mundo tenha sido feito por Deus, mas à maneira dum relojoeiro que, depois de o ter feito, o abandonou a si mesmo (deísmo); outras, finalmente, rejeitam qualquer origem transcendente do mundo e veem nele o puro jogo duma matéria que teria existido sempre (materialismo). Todas estas tentativas dão testemunho da permanência e universalidade do problema das origens. É uma busca própria do homem.

286. Não há dúvida de que a inteligência humana é capaz de encontrar uma resposta para a questão das origens. Com efeito, a existência de Deus Criador pode ser conhecida com certeza pelas suas obras, graças à luz da razão humana, mesmo que tal conhecimento muitas vezes seja obscurecido e desfigurado pelo erro. E é por isso que a fé vem confirmar e esclarecer a razão na compreensão exata desta verdade: «Pela fé, sabemos que o mundo foi organizado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê provém de coisas invisíveis» (Hb 11,3).

287. A verdade da criação é tão importante para toda a vida humana que Deus, na sua bondade, quis revelar ao seu povo tudo quanto é salutar conhecer-se a esse propósito. Para além do conhecimento natural, que todo o homem pode ter do Criador, Deus revelou progressivamente a Israel o mistério da criação. Deus, que escolheu os patriarcas, que fez sair Israel do Egito e que, escolhendo Israel, o criou e formou revelou-Se como Aquele a quem pertencem todos os povos da terra e toda a terra, como sendo o único que «fez o céu e a terra» (Sl 115,15; 124,8; 134,3).

288. Assim, a revelação da criação é inseparável da revelação e da realização da Aliança de Deus, o Deus Único, com o seu povo. A criação é revelada como o primeiro passo para esta Aliança, como o primeiro e universal testemunho do amor onipotente de Deus. Por isso, a verdade da criação é expressa com vigor crescente na mensagem dos profetas, na oração dos salmos e da liturgia, na reflexão da sabedoria do Povo eleito.

289. Entre tudo quanto a Sagrada Escritura nos diz sobre a criação, os três primeiros capítulos do Gênesis ocupam um lugar único. Do ponto de vista literário, estes textos podem ter diversas fontes. Os autores inspirados puseram-nos no princípio da Escritura, de maneira a exprimirem, na sua linguagem solene, as verdades da criação, da sua origem e do seu fim em Deus, da sua ordem e da sua bondade, da vocação do homem, e enfim, do drama do pecado e da esperança da salvação. Lidas à luz de Cristo, na unidade da Sagrada Escritura e na Tradição viva da Igreja, estas palavras continuam a ser a fonte principal para a catequese dos mistérios do «princípio»: criação, queda, promessa da salvação.



II. A criação – obra da Santíssima Trindade

290. «No princípio, Deus criou o céu e a terra». Três coisas são afirmadas nestas primeiras palavras da Escritura: Deus eterno deu um princípio a tudo quanto existe fora d'Ele. Só Ele é criador (o verbo «criar» – em hebraico «*bara*» – tem sempre Deus por sujeito). E tudo quanto existe (expresso pela fórmula «o céu e a terra») depende d'Aquele que lhe deu o ser.

291. «No princípio era o Verbo [...] e o Verbo era Deus [...] Tudo se fez por meio d'Ele e, sem Ele, nada se fez» (Jo 1,1-3). O Novo Testamento revela que Deus tudo criou por meio do Verbo eterno, seu Filho dileto. Foi n'Ele «que foram criados todos os seres que há nos céus e na terra [...]». Tudo foi criado por seu intermédio e para Ele. Ele é anterior a todas as coisas, e todas se mantêm por Ele» (Cl 1,16-17). A fé da Igreja afirma igualmente a ação criadora do Espírito Santo: Ele é Aquele «que dá a vida», «o Espírito Criador» (*Veni, Creator Spiritus*), a «Fonte de todo o bem».

292. Insinuada no Antigo Testamento e revelada na Nova Aliança, a ação criadora do Filho e do Espírito Santo, inseparavelmente unida à do Pai, é claramente afirmada pela regra de fé da Igreja: «Existe um só Deus. Ele é o Pai, é Deus, é o Criador, o Autor, o Ordenador. Fez todas as coisas *por Si mesmo*, quer dizer, pelo Seu Verbo e pela sua Sabedoria» «pelo Filho e pelo Espírito» que são como «as suas mãos». A criação é obra comum da Santíssima Trindade.

III. «O mundo foi criado para glória de Deus»

293. É uma verdade fundamental, que a Escritura e a Tradição não cessam de ensinar e de celebrar: «O mundo foi criado para glória de Deus». Deus criou todas as coisas, explica São Boaventura, «*non propter gloriam augendam, sed propter gloriam*

manifestandam et propter gloriam suam communicandam – Não para aumentar a Sua glória, mas para a manifestar e para a comunicar». Para criar, Deus não tem outra razão senão o seu amor e a sua bondade: «*Aperta manu clave amoris creaturae prodierunt* – As criaturas saíram da mão (de Deus) aberta pela chave do amor». E o I Concílio do Vaticano explica:

«Na sua bondade e pela sua força onnipotente, não para aumentar a sua felicidade nem para adquirir a sua perfeição, mas para a manifestar pelos bens que concede às suas criaturas, Deus, no seu libérrimo desígnio, criou do nada simultaneamente e desde o princípio do tempo uma e outra criatura — a espiritual e a corporal».

294. A glória de Deus está em que se realize esta manifestação e esta comunicação da sua bondade, em ordem às quais o mundo foi criado. Fazer de nós «filhos adotivos por Jesus Cristo. Assim aprouve à sua vontade, *para que fosse enaltecida a glória da sua graça*» (Ef 1,5-6): «Porque a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus: se a revelação de Deus pela criação já proporcionou a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai pelo Verbo proporciona a vida aos que veem a Deus!». O fim último da criação é que Deus Pai, «criador de todos os seres, venha finalmente a ser 'tudo em todos' (1Cor 15,28), *provendo, ao mesmo tempo, à sua glória e à nossa felicidade*».



REVISANDO TEMAS

1. Creio no Criador

É preciso dizer logo de início: a fé em Deus Criador tem como origem e como fio condutor de seu desenvolvimento a experiência fundamental que o povo de Israel fez da proximidade de Deus que se revelou na Aliança. Todos os textos bíblicos que falam da criação têm como ponto de partida a experiência do Deus que intervém para libertar o seu povo da escravidão. Para chegar à **fé em Deus Criador**, como é testemunhado na Bíblia, é imprescindível a **experiência da Aliança**.

Por isso, os relatos da criação do Gênesis não são corretamente compreendidos sem essa referência ao Deus da Aliança. Nos relatos da criação são claros os ecos e as ressonâncias da Aliança: Deus manifesta o seu poder nos benefícios que Ele concede ao

homem tanto no Êxodo quanto na criação. Deus que liberta o seu povo do Egito e o conduz à terra prometida é o mesmo Deus que cria o homem e o coloca no paraíso. A obrigação de observar os preceitos da Aliança do Sinai corresponde à proibição de Adão e Eva de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Os dois relatos da criação, que estão nos três primeiros capítulos do Gênesis, apresentam as principais ideias sobre o homem e o mundo, sobre a queda original e o perdão divino. Apresentam também as coordenadas fundamentais da relação do homem com Deus.

Tais textos, porém, são lidos “à luz de Cristo” e, por isso, a criação é uma **verdade cristã**. Para o cristão, crer em Deus Criador significa reconhecer a relação estreita da criação com Cristo. E isso em duas direções.

a. De um lado, a criação é o **início da história da salvação** que culminará em Cristo. Com efeito, o cristão não pensa a criação como uma realidade neutra, um espaço indefinido da ação salvadora de Deus. Com a criação, Deus inicia o diálogo com o ser humano, diálogo esse que terá seu ponto alto em Jesus Cristo. A criação é já o primeiro passo da salvação que Deus opera desde o início. Desde o primeiro momento – pode-se dizer também: desde o primeiro átomo – Deus já está muito próximo do homem para amá-lo.

b. Por outro lado, o mistério da criação é **iluminado pela luz de Cristo**. A criação está finalizada à sua plenitude que é Cristo. Mesmo que ela tenha **fim** (pois não é eterna), ela é dirigida ao **fim-finalidade** para o qual foi pensada e realizada: Jesus Cristo.

A fé em Deus Criador adquire maior clareza ao ser confrontada com as diversas respostas que as tradições religiosas antigas e a filosofia foram dando ao longo do tempo. Sem seguir uma ordem cronológica, o Catecismo faz um resumo sucinto dessas respostas mostrando, ainda que indiretamente, o contraste com a fé cristã na criação.

A fé cristã afirma que **o mundo depende totalmente de Deus e, ao mesmo tempo, que a criação tem uma consistência e uma bondade próprias**. Crer na criação significa, portanto, aceitar que tudo o que existe deve o seu existir e o seu ser ao Criador.

Mas **essa relação de dependência não significa confusão com Deus**. A criação tem uma **consistência própria**: ela não é Deus, é distinta realmente dEle, sem deixar de estar relacionada original e radicalmente com o Criador. Nesse sentido, a fé no Criador se distingue do **panteísmo** (tudo o que há é Deus: não se distingue de Deus e não tem consistência própria), do **emanatismo** (a criação é um processo necessário em que a divindade irradia, emite ou propaga involuntariamente sua própria substância, criando o universo; a criação seria assim mera extensão da natureza divina, de maneira não livre, contínua e permanente), e do **materialismo**.

Crer no Criador implica também a convicção de que **a criação não é um processo de queda**. O universo das criaturas não é o resultado de uma degeneração da matéria divina nem de uma mistura confusa de elementos bons e maus. Para o fiel cristão, não há um mundo superior bom e uma realidade inferior má, da qual ele deva se libertar por um processo de libertação da matéria. Uma vez que a criação é fruto e obra de Deus, o fiel está persuadido de que as realidades criadas – também o corpo e a matéria – são um reflexo da bondade do Criador e de que elas são radicalmente boas. Tudo o que provém do Criador não pode não ser bom. Essa certeza contrasta absolutamente com o **dualismo**, o **maniqueísmo** e a **gnose**.

Crer no Criador conduz também ao conhecimento e à experiência do cuidado amoroso e constante que Deus tem pelas suas criaturas. A criação não é um ato pontual situado no passado, depois do qual Deus não mais interviria. O Criador não somente traz à existência todas as coisas, mas também as assiste e as conduz, por meio do Filho, ao seu pleno desenvolvimento. **A criação é uma ação sempre atual do Criador** que, pela sua **Providência** amorosa, mantém no ser e na existência as suas criaturas e as conduz eficazmente ao fim que Ele, na sua bondade, predeterminou. Nesse sentido, a fé na criação se contrapõe ao **Deísmo**.



2. Obra da Trindade

Tudo o que não é Deus é criatura de Deus e, portanto, depende totalmente dEle. Criar, no senso estrito da palavra, é algo que só Deus pode realizar. O homem cria no sentido de transformar. Só Deus realmente cria.

A criação é certamente **obra de Deus Uno**. Mas essa afirmação não basta para exprimir toda a riqueza do “creio em Deus Criador”. Nesse sentido, os textos bíblicos, litúrgicos e patrísticos, citados pelo Catecismo, mesmo que sejam poucos, são muito eloquentes.

A fé em Deus criador não se esgota na rejeição das concepções dualistas, materialistas e politeístas. Se fosse assim, a fé cristã não seria diferente daquela do monoteísmo rigoroso. Com efeito, o cristão não somente confessa que Deus é o Criador de tudo, mas, sim, que **o Pai tudo fez por meio do Verbo no Espírito Santo**. Essa formulação trinitária expressa em forma densa e sucinta, não somente a peculiaridade da fé cristã, mas sobretudo a intenção profunda do Criador, o sentido e o destino último do mundo. O mistério de Deus trino e a criação se encontram implicitamente relacionados, e a fé em Deus criador implica não somente acreditar que a Trindade cria, mas que o faz como tal.

O ato criador, sem deixar de ser uno, se diversifica em cada um dos Três. No ato de criar, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só princípio, um só Criador, um só Senhor. A operação deles é una e idêntica devido à consubstancialidade dos Três. No entanto, tal unidade não elimina a ordem pessoal dos Três. Em relação às criaturas, as pessoas divinas agem e são uma só potência criadora, mas essa unidade não impede que elas se distingam realmente ao exercer e possuir o mesmo poder criador. É preciso,

portanto, reconhecer a distinção real das pessoas divinas também no ato criador: o Pai cria mediante o Filho no Espírito Santo.

Eles detêm, segundo a ordem trinitária, o único agir criador que exercem como um só, mas cada um se apropriando diversamente dele: **tudo provém do Pai por meio do Filho no Espírito Santo**. A ordem trinitária dá a cada uma das pessoas divinas uma maneira particular de intervir na mesma operação comum sem, contudo, negar a unidade: **ao Pai se atribui a iniciativa última, ao Filho e ao Espírito a mediação**.

O Pai não cria nada a não ser por meio do Filho e no Espírito Santo; ambos são mediadores entre o Pai e as criaturas. Sem matéria pré-existente alguma que pudesse rivalizar com o Criador e sem ser obrigado por necessidade alguma, Deus quis que as coisas fossem feitas por pura generosidade e proferiu sua palavra para que existissem. Livrementemente e por puro amor, o Pai cria por meio de seu Verbo e sua soberania sobre o mundo se manifesta no fato que a criação foi chamada à existência por sua ordem, o que exclui qualquer limitação de sua liberdade e qualquer resistência à sua obra. Por isso a origem do universo não deve ser buscada em uma causa anterior à vontade de Deus, uma vez que a única causa das coisas é a vontade do Pai: sendo Ele causa de tudo seria absurdo procurar uma causa de sua vontade criadora porque tal causa seria maior do que Deus.

3. Glória de Deus

A fé em Deus Criador inclui o conhecimento da **finalidade da criação**. Para que Deus criou o mundo? “O mundo foi criado para a glória de Deus”. Para que essa afirmação tradicional não seja mal entendida, o Catecismo esclarece com precisão o seu significado com uma citação de S. Boaventura: “**não para aumentar a sua glória, mas para manifestar a glória e para comunicar a sua glória**”. A comunicação da glória divina às suas criaturas é o que moveu Deus Uno e Trino a criar. Fica assim excluída a hipótese de que Deus cria para se aperfeiçoar.

A fé em Deus Criador também nos ajuda a purificar o conceito que temos de glória. Em nossa opinião comum, a glória é o mesmo que fama e exaltação externa, muitas vezes artificialmente criada e imposta de maneira falsa. Glória muitas vezes é associada a orgulho e arrogância vazia. Quando o Catecismo fala de glória de Deus é preciso, no entanto, buscar a sua raiz bíblica. No AT a glória está ligada à manifestação de Deus através da criação (Sl 19,2: os céus narram a glória de Deus) e aos prodígios do Êxodo (cf. Ex 16,7.10; 40,34). No NT o conceito de glória está unido à revelação do Pai em Jesus Cristo (cf. Jo 1,14; 2,11; 17,1; 2Cor 4,4). A glória que o Pai comunica a Jesus é um bem que é também comunicado ao homem (cf. Jo 17,22).

A glória de Deus é a manifestação do seu amor na salvação do homem que **consiste na participação da vida divina** que nos é dada por meio de Jesus Cristo no Espírito Santo. Por isso Deus busca a glória não para si mesmo mas para nós. Toda vez que o cristão ouve ou fala de “glória” ele entende, portanto, **o bem da filiação divina e a salvação do homem**. É exatamente isso que “dá” glória a Deus.